



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

PROFESSOR FACILITADOR, ENSINA?

Maria Claudia Coutinho Henrique (1); José Cândido Rodrigues Neto (2); Maria Aparecida Silva Bezerra (3); Valmir Pereira (4)

Universidade Estadual da Paraíba, claudiahcouthinho@gmail.com - (2) Universidade Estadual da Paraíba, jcrneto13@gmail.com (3) Universidade Estadual da Paraíba, Mariabezerra06@gmail.com - Universidade Estadual da Paraíba, provalmir@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Valmir Pereira - *Universidade Estadual da Paraíba*
provalmir@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho visa discutir aspectos do tema Professor Facilitador tendo em vista a grande difusão do termo entre os educadores. A concepção de professor como mero animador do processo de aprendizagem tende a desvalorizar e até mesmo esvaziar o sentido do trabalho docente assim como o ato de ensinar. Partindo de pressupostos construtivistas a facilitação do processo de aprendizagem traz à tona uma discussão sobre o papel do professor em sala de aula. Não podemos deixar de levar em conta a apropriação de conhecimentos já desenvolvidos e difundidos pela humanidade como base e fundamento do aprendizado. Desconsiderar isso é negar toda a historicidade do homem e colocá-lo no papel de reinventar a história e o mundo. A concepção construtivista busca colocar o ensinar e o aprender num mesmo patamar, dispensando a relação de mediação entre dois polos opostos de um processo notadamente dialético pois, aprender e ensinar são processos incessantes, progressivos e muitas vezes movidos por oposições violentas que avançam por rupturas e assim superando o ponto de partida de tal relação. Desse modo, buscamos aqui trazer uma reflexão sobre o trabalho do professor nesse processo tão importante que é o ensinar, pois ele é agente de transformação e de construção. Não apenas um *facilitador*, mas, alguém que conhece e transmite o conhecimento, sendo assim capaz de modificar a sua própria realidade, ensinando a outrem a fazer a mesma coisa.

Palavras-chave: Ensinar, Professor Facilitador, Aprendizagem, Mediação.

1 INTRODUÇÃO

No contexto educacional de hoje é comum afirmar-se que o professor é um mediador entre o aluno e o conhecimento, ou que ele é um facilitador da aprendizagem, ou então um mero animador do processo de construção do conhecimento, por parte do educando. Tais concepções estão pautadas pela orientação teórica denominada construtivismo, que propõe



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

que o indivíduo construa seu próprio conhecimento a partir de suas experiências particulares. Entretanto, isto nega a historicidade do conhecimento, pois a produção de todo o saber pela humanidade se deu ao longo de séculos, não cabendo a cada indivíduo reinventar o mundo após seu nascimento. Os educandos precisam se apropriar do acervo cultural produzido pela humanidade para dessa forma se humanizarem. Entretanto, isto vai contra a concepção construtivista, pois ela defende que não há conhecimento objetivo a ser transmitido, pois o indivíduo é que desenvolve seu próprio conhecimento, por meio de sua visão de mundo.

Esse é um tema que traz muitos questionamentos, suposições e algumas certezas. Contudo, é sempre instigante discorrer a respeito da educação, da transmissão e difusão do conhecimento, dos desafios da arte de ensinar, das implicações existenciais que causam o aprender. Pois, sendo o ser humano dotado de razão será sempre investigador e “objeto” de sua própria investigação, numa busca incessante de alcançar patamares sempre mais altos naquilo que o constitui e o diferencia dos demais seres. Ao contemplarmos a história recente ou remota da humanidade, perceberemos que o ser humano é um “Ser que aprende”; e, por conseguinte, transmite, ensina e dialoga.

Esse estudo tem como objetivo apresentar o conceito de professor facilitador e suas implicações na educação, em especial o esvaziamento do papel do professor e da escola.

Para isso, embasaremos nossa pesquisa nos autores que difundem tal conceito, bem como aqueles que se contrapõe a ele, indicando um outro caminho para ensinar e para aprender.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A visão construtivista torna indistinto o ensinar e o aprender, pois ao afirmar que o professor é um mediador está afirmando que ele necessita estar presente nos dois âmbitos do processo educacional. Assim, neste tipo de concepção é comum se afirmar que o professor tanto ensina quanto aprende. Deste modo, busca-se homogeneizar e apaziguar a relação ensino-aprendizagem, que por vezes é conflituosa. Tal visão desvaloriza o professor, e conseqüentemente o ensino, em detrimento da aprendizagem que é aqui priorizada, assim não



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

importa o que se ensine, tendo em vista que o importante é o processo de aprendizagem, o “aprender a aprender”. Sendo assim, se não se importa o que se ensina, mais o modo como se aprende, então, o professor torna-se figura dispensável e pode ser substituído por qualquer um que venha a assumir o papel de “animador do processo” ou “orientador da aprendizagem”. É isto que é possível concluir diante de tal concepção.

Aprender é a maior prova de maleabilidade do ser humano, porque, mais que adaptar-se à realidade, passa a nela intervir. Sendo atividade tipicamente reconstrutiva de tessitura política, é também a maior prova do sujeito capaz de história própria. Saber aprender é fazer-se oportunidade, não só fazer oportunidade. Deixar-se de lado a condição de massa de manobra, objeto de manipulação para emergir como ator participativo, emancipado. (DEMO, 2002, p 47)

No que concerne ao processo de construção e transmissão de conhecimento, os filósofos gregos, deixam uma importante lição: Sócrates, que se empenhara no diálogo com o diferente, e no refletir sobre sua própria vida; Platão, quando nos chama a atenção para uma educação voltada à formação do homem; Aristóteles referindo-se ao ser humano e suas relações políticas. Não somos qualificados como “homo sapiens” por acaso, mas justamente por essa sua capacidade de aprender e ensinar. O ser humano apresenta a capacidade impressionante de descobrir a natureza (muitas vezes de explorá-la indevidamente); de descobrir o outro que com ele forma comunidade/sociedade (muitas vezes não o respeita); de descobrir a si mesmo (capacidade de reflexão sobre sua própria condição de existência no palco do mundo). Mas, tudo isso se encontra numa “teia” de relações bem complexas, na qual o conhecimento é fio condutor. Nesse sentido é que se procura com tanta veemência compreender o processo educativo e educacional.

Ao contemplarmos a história da educação, por conseguinte, da construção e transmissão do conhecimento, sempre encontraremos a figura do *magister* (do latim, mestre, professor) e do *didaskalos* (do grego, que quer dizer "professor", "mestre" ou aquele/a que



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

transmite um conhecimento). Portanto, o professor na transmissão e difusão do conhecimento sempre exerceu e, ainda exerce um papel de grande importância, não podendo ser substituído por outra figura. Deste modo, precisamos entender a diferença entre o professor facilitador e o verdadeiro mestre (magister/didaskalos).

Evidentemente não discordamos que o indivíduo possui a capacidade de interpretar fatos, de “ler o mundo”, de apresentar a sua própria opinião. Mas isso não deve ser feito de maneira isolada. Então poderíamos nos perguntar como o aluno fará tudo isso sem o embasamento de conhecimentos já determinados? Como o aluno vai se desenvolver sem referências? Sabemos que os seres mais desenvolvidos são a chave de desenvolvimento para os seres menos desenvolvidos (DUARTE, 2003). É partindo daquilo que já se conhece que podemos investigar muito mais; é partindo do ser humano adulto que se pode educar, ensinar a um ser humano em fase de desenvolvimento. Em outros termos, é partindo do professor e de seus conhecimentos adquiridos e desenvolvidos que se pode ajudar imensamente os alunos que se dispõem a aprender.

O professor ensina e o aluno aprende porque ensino e aprendizagem são relações distintas: o ensino é a relação que o professor estabelece com o conhecimento, o que, portanto, está no campo do mediato, e a aprendizagem é a relação que o aluno estabelece com o conhecimento, o qual está no plano do imediato. Portanto não há relação de mediação entre o ensino e a aprendizagem, apesar de ser comum entre os professores e pesquisadores do campo da educação a referência à relação ensino-aprendizagem ou ensino/aprendizagem. (ALMEIDA, 2003, p.111)

No entanto, percebemos que nessa visão construtivista o professor não exerce nenhuma importância na formação cultural/intelectual e humana do aluno, pois ele deverá pensar por si mesmo; construir suas opiniões a partir da experiência pessoal, da doxa, do empirismo, do senso comum. E, não poderá sofrer nenhuma correção, para que não pareça “intromissão” ou não cause traumas no processo de crescimento intelectual do indivíduo. Nesse sentido Evandro Ghedin afirma:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Para que o processo de ensino-aprendizagem seja bem-sucedido, o professor precisa assumir o papel de mediador, fazendo que a relação professor-aluno se construa como verdadeira colaboração entre os alunos e o grupo de sala de aula, caracterizada pela autenticidade, pela segurança e pelo respeito no desenvolvimento das atividades (GHEDIN, 2009, p.97).

Nessa proposta o estudante ou aluno seria o autor principal do conhecimento, isto é, por sua própria capacidade de raciocínio o aluno estaria apto para construir o conhecimento, desenvolver suas habilidades, interagir com os demais, amadurecer intelectualmente. Neste sentido, o professor se torna um animador, um apresentador, um facilitador, um simples colaborador. Pois nessa modalidade de educar o que se deve levar em consideração é o aluno, seu desenvolvimento, sua aprendizagem, estando todo o processo de transmissão do conhecimento centrado no aluno e no seu “potencial” de habilidades. Portanto, não cabe ao professor transmitir os conceitos científicos, mas somente *facilitar* ou mesmo colaborar com o processo de aprendizagem do aluno, e apresentar-lhe situações-problemas a serem resolvidas.

À primeira vista, podemos concordar, pois a ideia apresenta-se muito interessante e proveitosa para a educação e a construção do conhecimento. Mas, ao analisarmos cautelosamente, vamos descobrir que não vale a pena “comprar” tal ideia, pois quem facilita não ensina; e, quem se declara mediador deve assumir a responsabilidade de transmitir *algo ou alguma coisa* - nesse caso o conhecimento -. Destarte, se não existe uma transmissão do conhecimento também não se pode chamar de mediador. E, como sabemos o professor não é um simples mediador, pois se assim o fosse já havia se tornado obsoleto, devido aos diferentes modos de mediação que podemos encontrar na atualidade os quais são aplicados à educação.

Devemos tomar consciência que o professor tem seu papel e que não pode recair sobre o aluno a responsabilidade de “recriar” tudo o que ele deverá aprender, isto é, construir todo o arcabouço de conhecimentos que ele deve carregar durante sua vida. Mas, na dinâmica da aprendizagem os conhecimentos adquiridos pela humanidade, elaborados ao longo dos tempos vão sendo repassados (transmitidos), aperfeiçoados (e, se possível) transformados. Desta maneira, o professor tem um grau de importância considerável. Pois ele é agente de



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

transformação e de desenvolvimento. Não apenas um *facilitador*, mas, alguém que conhece e transmite o conhecimento. E assim é capaz de modificar a sua própria realidade, ensinando a outrem a fazer a mesma coisa.

Podemos afirmar com veemência que não fica claro e definido qual é o papel do professor facilitador. Apenas sabe-se que ele tem a impossível missão de fazer com que outrem construa seu próprio conhecimento sem nenhum arcabouço teórico, sem referência ao que já está posto. Mas, apenas partindo de seus “achismos” e de suas experiências que nem sempre são bem-sucedidas.

No processo ensino-aprendizagem, o professor que é o ser intelectualmente mais desenvolvido na relação, transmite os conhecimentos ao aluno, que ao se apropriar destes humaniza-se. A transmissão de conteúdos se dá por uma relação dialética em que o educando que se encontra no plano do imediato é trazido pelo educador para o plano do mediato, o plano dos conhecimentos sistematizados. Entretanto, tal relação é conflituosa tendo em vista que o conhecimento imediato se contrapõe ao conhecimento mediato.

O aluno ao se encontrar mergulhado no seu cotidiano está em sua zona de conforto, ao se deparar com um conhecimento sistematizado, ele tenta manter-se na situação onde se encontrava, por ser ela mais cômoda. Cabe então ao professor trazê-lo para o plano mediato, o que torna por vezes a relação conflituosa. Assim, a mediação que permite ao aluno passar de um plano para o outro e humanizar-se, é feita pelo conhecimento e não pelo professor.

Esta concepção é fundamentada na *Ontologia do ser social*, diferentemente da visão construtivista que é fundamentada na concepção *Epistemológica*. A concepção ontológica e a epistemológica não constituem uma relação hierárquica entre si, são maneiras diferentes de se compreender a produção de conhecimento. A diferença entre ambas é que a concepção ontológica se fundamenta no ser concreto e total, o ser social, o ser humano, enquanto que a epistemológica se divide em sujeito cognoscente e objeto a ser conhecido (ALMEIDA, 2007).

3 CONCLUSÕES



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Portanto, ao defender que o ser humano precisa apropriar-se de conhecimentos para humanizar-se, estamos defendendo que o trabalho do professor deve ser pautado pela concepção da Ontologia do ser social. O processo ensino-aprendizagem, não pode ser apaziguado ou homogeneizado, como pretende a teoria construtivista, pois isto tornaria o ensino improfícuo e estéril. Ao defender que o indivíduo constrói seu conhecimento a partir de suas experiências individuais estamos negando toda a historicidade do saber, estamos assim negando milênios de sistematização do conhecimento em detrimento de um conhecimento individual e particular. Estaríamos também negando a capacidade dos indivíduos se humanizarem por meio da aquisição deste rico acervo cultural. Desse modo, entendemos que o professor deve ser aquele que ensina e o aluno aquele que aprende, e sob a pena de anulação mútua, esta relação não pode ser homogeneizada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Luís Vieira de. **Mediação dialética na educação escolar: teoria e prática**. São Paulo, 2007, Edições Loyola. P. 72-118.

DEMO, Pedro. **Saber Pensar**. ed. 3. São Paulo: Cortez, 2002

DUARTE, Newton. “A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco”. In: _____ **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?**, Campinas: Autores associados, 2003. Cap. 3.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. O professor e o construtivismo. In: _____ **Valorização ou esvaziamento do trabalho professor?**, Campinas: Autores associados, 2004. Pag. 121-132.

GHEDIN, Evandro. **Ensino de Filosofia no Ensino Médio**. ed. 2. São Paulo: Cortez, 2009. pg. 93 - 132

SOUZA, Raniere Pontes. **O papel do facilitador em processos de desenvolvimento social**. Disponível em: <http://www.fonte.org.br/node/150> . Acesso em 21 de julho. 2015.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO